



LAVOURA ARCAICA: ESTRUTURAS POLÍTICAS, REPRESSÃO E PERVERSÃO

Estela Pereira dos Santos (PIBIC/F.A-UEM), Marisa Correa Silva (Orientador), e-mail: psantosestela@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Linguística, Letras e Artes / Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias / Maringá, PR

Área de conhecimento: Letras. Sub-área: Literatura Brasileira.

Palavras-chave: Lavoura Arcaica, Materialismo lacaniano, Slavoj Žižek.

Resumo: Esta pesquisa propõe um estudo sobre o romance *Lavoura Arcaica* (1975), de Raduan Nassar, com base nos elementos que podem ser lidos como remissões à realidade extratexto do Brasil da ditadura militar: violência literal e simbólica; patriarcalismo; discurso autoritário. A obra literária contém não só valores estéticos, mas também marcas ideológicas, pois o uso da linguagem nunca é "neutro"; partimos da hipótese de que, na obra, a ideologia surge ao observarmos a versão de André, narrador autodiegético que rememora, com o uso de uma linguagem lírica-convulsiva, os fatos. Para análise, lançamos mão do que Slavoj Žižek define, em sua obra *A Visão em Paralaxe*, como necessidade de olhar a distorção da linguagem de forma paralática. André parece partir de uma instância que dá vazão ao erotismo perverso; ao narrar, erotiza simples momentos; partimos do pressuposto de que esta instância é a repressão paterna, que subsidia a libido de André, o incesto e modo de ser. As obras fundamentais para estudar tal instância são: *Violência: seis reflexões laterais*, de Žižek; *São Paulo: a fundação do universalismo*, de Alain Badiou. Também mencionaremos o estudo de Giorgio Agamben, *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*. A proposta deste estudo é que o discurso paterno e o contexto social são os elementos responsáveis pela irrupção do perverso em André. Desta maneira, a obra emula internamente o discurso de lei e de ordem do período da ditadura, bem como suas terríveis consequências.

Introdução

Lavoura Arcaica, obra de Raduan Nassar, foi publicada em 1975, período da Ditadura militar no Brasil. Indo contra a corrente da crítica literária que afirma que a obra, ao contrário das obras importantes do período, não faz referência às questões políticas e ideológicas da época, apontamos que



há elementos na obra que indiciam as questões de seu contexto de produção. Investigamos, portanto, a ideia de que a ideologia do período é marcada através da figura do Pai e seus sermões.

Sobre o narrador-protagonista, André, é importante destacar que ele é autodiegético e onisciente: a diegese é contada por ele, que lança mão de uma linguagem fragmentada, convulsiva e lírica. André é o avesso do pai, não quer viver sob a lei que lhe é imposta por ele, por isso tenta fugir. André parece agir através de uma instância que dá vazão a um erotismo perverso, que contamina seu relato de instantes com os irmãos Pedro e Ana e com a cabra. Partimos da ideia de que a repressão paterna é esta instância que subsidia e justifica a libido de André, inclusive seu modo de ser e o incesto. Para estudar tais hipóteses faremos uma leitura do romance pelo viés do Materialismo Lacaniano. As obras fundamentais são *A visão em Parallaxe*, *Violência: seis reflexões laterais*, ambas de Žižek; *São Paulo: a fundação do universalismo*, de Badiou; *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*, de Agamben.

Materiais e métodos / Revisão de literatura

Lavoura arcaica é um clássico da literatura brasileira e inúmeros estudos sobre essa obra foram feitos, mas não há nenhum estudo que defenda a ideia de que a obra tenha referências indiretas ao período da ditadura militar no Brasil nem defende que a perversão de André, o incesto e seu modo de ser sejam fruto da repressão e autoritarismo patriarcal. Para defender tais ideias, uma leitura foi feita por meio da corrente filosófica do Materialismo Lacaniano, inicialmente atrelada à Filosofia política por Slavoj Žižek e Alain Badiou, mas que se expandiu para os Estudos Culturais.

Resultados e Discussão

Em *Lavoura Arcaica* são perceptíveis, através da figura do pai e dos seus sermões, as marcas do autoritarismo, do patriarcalismo e, sobretudo, de uma forma velada de repressão, que se dirige a André e a toda família. Os sermões propõem como valores maiores o amor, a união família e o trabalho; nada fora disso é bom. Os laços afetivos e espirituais deveriam unir estreitamente a família, formando a barreira segura contra as “tentações”. No entanto, os sermões não pregam só isso. Por baixo do discurso de união e afeto, encontra-se o dever opressor (a injunção obscena do superego) que, para o pai, é sagrado. Não há espaço para individualidade e autonomia, os ideais familiares são estipulados pelo patriarca, a alegria está no cumprimento dos deveres e o não cumprimento é um pecado irreparável.



Žižek defende que a linguagem tem carga de violência: o sujeito do discurso pode se revelar através da imposição violenta no desejo subjetivo, o que é próprio do *discurso do mestre*, que encarna a posição de quem diz “é assim porque eu disse e ponto final”. Assim é o pai nos discursos: impõe leis que devem ser seguidas por traduzirem o ideal de comportamento. A violência (nunca explícita) na linguagem presente nos sermões neutraliza a hipótese se se questionar os valores por eles apresentados e coloca pai e família em “mundos diferentes”: o pai manda, ordena e impõe (como a figura de um ditador) e resta à família obedecer.

O incesto entre André e Ana coloca o protagonista como perverso, mas André parece partir de uma instância que justifica sua libido: defendemos que, ao infringir as leis paternas, ele “encontra prazer no que lhe é imposto”. Badiou assevera que, sem leis, o pecado morre, pois “A lei é o que dá vida ao desejo” (BADIOU, 2009, p. 93). Após o momento do incesto, André relata que fizeram o que pai pediu: acredita que ficar com Ana é manter o amor entre irmãos: “me ajude a me perder no amor da família com o teu amor, querida irmã” (NASSAR, 1989, p. 127). Portanto, a figura paterna é a instância que justifica e subsidia a libido de André.

No final do romance ocorre a morte de Ana: ela está dançando para André e chamando a atenção de todos com seus movimentos quando o pai, não sabemos se consciente ou não do incesto, a mata. Defendemos que a morte de Ana elucida seu estatuto do *Homo Sacer* (como o postulou Giorgio Agamben): aquele que está tão longe da justiça humana quanto da justiça divina, que é tomado pela esfera soberana e pela violência, está submetido à Biopolítica, a qual julga qual vida é digna de ser vivida e qual não. Tal panorama pode permitir uma leitura da família de André como um microcosmo da sociedade que vive sob uma ditadura, ainda que esta apareça como “relativamente branda” ou “necessária para evitar o caos”.

Conclusões

Por meio do Materialismo Lacaniano e, principalmente, por meio dos textos teóricos de Slavoj Žižek, Alain Badiou e Giorgio Agamben, evidenciamos que há em *Lavoura Arcaica* elementos que fazem referência à realidade do período ditatorial no Brasil. Esses elementos são o autoritarismo, a repressão e a opressão. A figura paterna, conforme defendemos, é a instância responsável pela perversão em André, pelo incesto e pelo seu modo de agir. Os sermões do pai, proferidos na mesa da casa, enunciam as leis impostas por ele no âmbito familiar - que são transgredidas. A morte de Ana, no momento em que ela dança sensualmente na festa da volta de André, demonstra ainda mais a repressão paterna. Essa morte violenta ganha sentidos simbólicos, uma vez que não se pode afirmar que o pai entenda o que houve entre os irmãos. A morte de



Ana, aos olhos do pai, não é sacrifício nem homicídio, condição que define o *Homo Sacer*.

Agradecimentos

Agradecimentos à Fundação Araucária pelo suporte financeiro, à Prof.^a Dr.^a Marisa Correa Silva, ao grupo de pesquisa Materialismo Lacaniano e ao Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias (UEM).

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- BADIOU, Alain. **São Paulo**: a fundação do universalismo. São Paulo: Boitempo, 2009.
- NASSAR, Raduan. **Lavoura Arcaica**. 3^o ed. rev. pelo autor. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ŽIŽEK, Slavoj. **A Visão em Paralaxe**. Trad. Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ŽIŽEK, Slavoj. **Violência: seis reflexões laterais**. Trad. Miguel Serras Pereira. 1^a ed. São Paulo: Boitempo, 2014.